

## CONSIDERAÇÕES SOBRE EPISTEMOLOGIAS DO SUL E AS REALIDADES LOCAIS

Walace Rodrigues <sup>1</sup>

**Resumo:** Por meio deste artigo, buscamos refletir sobre as chamadas Epistemologias do Sul, suas características e possíveis utilizações na área de Humanidades. Este trabalho tem cunho qualitativo e baseia-se em uma bibliografia predominantemente de autores provenientes de países que foram colonizados. Tomamos como exemplo algumas teorias específicas nascidas a partir de formulações de epistemólogos do Sul. Os resultados deste escrito mostram que as Epistemologias do Sul podem ser extremamente frutíferas quando analisando pontos das culturas dos países colonizados e de mecanismos ainda existentes de tentativa de colonização do pensar e do saber.

**Palavras-chave:** Colonialismo. Pós-colonialismo. Decolonialidade.

## CONSIDERATIONS ON SOUTHERN EPISTEMOLOGIES AND LOCAL REALITIES

**Abstract:** Through this paper, we seek to think about the so-called Epistemologies of the South, their characteristics and possible uses in the Humanities area. This work has a qualitative nature and is based on a bibliography of authors from colonized countries. We take as an example some specific theories born from formulations of epistemologists from the South. The results of this writing show that the Epistemologies of the South can be extremely fruitful when analyzing points of the cultures of the colonized countries and of still existing mechanisms of attempt to colonize thinking and knowledge.

**Keywords:** Colonialism. Post-colonialism. Decoloniality.

---

<sup>1</sup> Pós-doutor pela Universidade de Brasília – UnB/POSLIT (2018-2019). Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ, com complementação pedagógica em Letras/Português e em Pedagogia. Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins - PPGLLit/UFNT. Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins – GESTO, da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT - CAPES/CNPq. Membro do Grupo de Trabalho Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira - GT-ELIAB, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Linguística e Literatura (ANPOLL). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203> E-mail: [walacewalace@hotmail.com](mailto:walacewalace@hotmail.com)

## Introdução

Neste trabalho partimos dos pensadores de países colonizados, como no caso do Brasil, da Índia, do Peru etc, e de grande parte do mundo que se encontra ao sul da linha do Equador. Tais pensadores criaram conceitos e teorias novas nas mais diversas áreas do conhecimento.

O que chamamos de Epistemologias do Sul são conhecimentos científicos que não nasceram somente nos países ao Sul do mundo, mas são epistemes que, de alguma forma, subvertem o pensar colonialista que dominou, por muitos séculos (e, em alguns casos, ainda dominam), muitos países, reiterando uma nova forma de pensar a partir de realidades locais. Vale ressaltar que o olhar das Epistemologias do Sul não é somente decolonial, mas original, pois nasce a partir de buscas de soluções para problemas locais em países colonizados, não deixando de lado os saberes dos povos, grupos e comunidades locais e regionais.

Pensar no caminho contrário daquele do colonialismo significa não tentar reescrever a história, mas compreendê-la do ponto de vista dos colonizados, daqueles que, desde 1502 (ou mesmo antes), tinham suas culturas vistas como “menores” pelos padrões europeus. As Epistemologias do Sul buscam chamar nossa atenção para os trabalhos de pensadores importantes, como Paulo Freire, Milton Santos, Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Stuart Hall, Lélia Gonzalez, Aníbal Quijano, Maria Lugones, Walter Dignolo, entre tantos outros importantes pensadores que marcaram os finais do século XX e da atualidade.

Assim, nosso caminhar, neste trabalho, coloca-se como um fazer qualitativo a partir de alguns conceitos e pensares de intelectuais de países colonizados, mas não menos importantes que os dos países ditos de “primeiro mundo”.

Buscamos, aqui, compreender algumas dimensões que as Epistemologias do Sul tomam como saberes provenientes de intelectuais de países não hegemônicos, periféricos, mesmo quando estes intelectuais trabalham no eixo Europa-EUA. Suas pesquisas nascem partir de uma “curiosidade crítica, insatisfeita, indócil” (FREIRE, 1996, p. 34).

### 1. Sobre as Epistemologias do Sul e alguns de seus aspectos científicos

Como este artigo se dedica a algumas reflexões acerca das Epistemologias do

Sul, destacamos que ele se refere a saberes formulados por pensadores de países colonizados e a partir de “realidades locais” (cf. RODRIGUES, 2018). Tais saberes transformam-se em teorias científicas a partir do momento que estes são apreendidos pela comunidade científica e fortalecem o desenvolvimento de um pensar novo e frutífero que nasceram de realidades específicas. Como bem nos diz Paulo Freire:

[...] a curiosidade ingênua que, “desarmada”, esta associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica. Muda de qualidade mas não de essência. A curiosidade de camponeses com quem tenho dialogado ao longo de minha experiência político-pedagógica, fatalistas ou já rebeldes diante da violência das injustiças, é a mesma curiosidade, enquanto abertura mais ou menos espantada diante de “não-eus”, com que cientistas ou filósofos acadêmicos, “admiram” o mundo. **Os cientistas e filósofos superam, porém, a ingenuidade da curiosidade do camponês e se tornam epistemologicamente curiosos** (FREIRE, 1996, p. 34, grifo nosso).

E Freire é um desses pensadores sulistas que nos ensinam que devemos aprender a partir de nossas realidades locais, ou seja, das sociedades das quais participamos. Trabalhando em um Brasil popular e interiorano da década de 1960 e com um grande número de analfabetos, Freire criou um método de alfabetização que não somente partia das realidades locais dos camponeses, mas que transformasse suas visões críticas de mundo. Conhecer as realidades para modificá-las por meio de ações é o que nos propõe Freire:

É que não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como “não eu” do homem, capaz de desafiá-lo; como também não haveria ação humana se o homem não fosse um “projeto”, um mais além de si, capaz de **captar a sua realidade, conhecê-la para transformá-la**. Num pensar dialético, ação e mundo, mundo e ação, estão intimamente solidários. Mas, a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão (FREIRE, 2013, p. 55, grifo nosso).

Freire, como um bom filósofo da educação, revelou-nos que devemos conhecer nossas realidades, que são, na grande maioria das vezes, diferentes daquelas dos centros culturais das grandes economias capitalistas. Criou-se, portanto, em países periféricos, uma necessidade de pensar as coisas do mundo pós-industrial em relação com suas realidades locais, que fez com que intelectuais refletissem sobre seus lugares, fazeres e

saberes próprios de grupos culturais não-hegemônicos de suas localidades. Além disto, vale ressaltar que, na compreensão de nossas realidades colonizadas, compreendemos nossas posições de “oprimidos” em determinadas situações de vida.

A pedagogia/filosofia freireana coloca-se exatamente neste caminho de compreensão das realidades cotidianas dos oprimidos dos países em desenvolvimento. Conforme Rodrigues (2021a, p. 103), “Se a pedagogia de Freire é uma práxis de diálogo, de comunicação, de liberdade, ela jamais poderá compactuar com a opressão e a exploração humana.” Neste sentido, Freire caminha na busca de criar liberdades por meio da educação, aumentando a capacidade de escolhas das pessoas, mas sempre sem esquecer os deveres do Estado para com seus cidadãos.

Ainda, lembramos que algumas epistemologias nascidas na Europa e nos EUA sempre foram aplicadas aqui (no Brasil e no restante da América Latina, principalmente na área econômica) e sempre foram tidas como “corretas” em todos os contextos aplicados, deixando de lado as particularidades locais e regionais do Sul do mundo.

Esses saberes “transplantados” nem sempre foram bem-sucedidos quando implantados na América Latina, por exemplo. As teorias dos grandes países capitalistas foram tomadas como exemplo a ser seguido, deixando de lado questionamentos críticos pertinentes às nossas realidades locais. Ou seja, creia-se que a resolução de nossos problemas aqui poderia ser compreendida a partir de criações teóricas de lá (Europa-EUA). E sabemos que isso nem sempre acontece de forma “ajustável” e como se esperava.

Assim, ficava claro a necessidade de compreensão de que existem, também, epistemologias não hegemônicas, mais regionais, criadas a partir de realidades do mundo em desenvolvimento, marcadas fortemente por nascerem em países com uma forte história ligada ao colonialismo e por intelectuais da “periferia” do “primeiro mundo”. Isto também revelou nossa grande capacidade de criatividade científica a partir de nosso próprio pensar intelectual, de nossa própria criação científica, deixando ver possíveis soluções (e talvez mais ajustáveis para nossas vidas) para nossos problemas locais a partir de perspectivas teóricas nascidas fora do eixo Europa-EUA. Compreendemos, portanto, que as prioridades de pensamento fundadas a partir da Europa e EUA nem sempre nos cabem nos países em desenvolvimento.

Ainda, vimos nascer, principalmente ao longo do século XX, um grande número

de intelectuais de países colonizados e não-hegemônicos, formados a partir dos estudos de pensadores europeus e norte-americanos, mas que traziam em si uma curiosidade crítica pela busca de soluções para nossos problemas locais.

Compactuamos com as reflexões do professor José Marín em relação à “ocidentalização” dos pensares, quando ele nos diz que:

A visão do mundo ocidental é baseada principalmente na dimensão do tempo racional que determina a importância da produtividade e rentabilidade, sem levar em conta a natureza, espaço fundamental em culturas tradicionais. A natureza, nessas culturas, ocupa um lugar essencial na sua visão de mundo, na sua concepção e no seu modo de vida. A escola oficial, como existe em nossos países, transmitiu a imposição de toda essa concepção ocidental, que privilegia a cultura escrita em detrimento da cultura oral e do conhecimento de culturas tradicionais. **O processo de ocidentalização do mundo tem igualmente impostas, as falsas oposições entre modernidade e tradição, entre a cultura oral e a cultura escrita, e têm privilegiado uma espécie de inteligência e uma certa forma de construção do conhecimento. Processo de exclusão, que acabou sacrificando um enorme patrimônio cultural coletivo** (MARÍN, 2002, p. 382, grifo nosso)

Como bem nos disse o professor Marín (professor da RUIG, Suíça) e pensando a partir de uma universidade periférica e dentro da Amazônia Legal, percebemos que muitos estudos poderiam partir de múltiplos saberes tradicionais dos povos que já vivem nesta região há tempos imemoráveis, mas que isso nem sempre acontece.

Ressaltamos que, mesmo trabalhando no centro da Europa e em uma universidade renomada na Suíça, Marín, peruano (latino-americano), trava uma balhada contra os pensamentos coloniais europeus com sua perspectiva de aproximação e valorização dos saberes e fazeres indígenas e dos povos nativos latino-americanos.

Neste caminho, compreendemos que temos importantes pensadores científicos e tradicionais (mestres anciãos negros, indígenas, caipiras etc) que devem, também, ser tomados como epistemológicos. Eles conhecem nossas culturas, nossas maneiras de ser no mundo, nossas crenças e mitos primordiais. Uma ciência que tome forma a partir dos saberes originários do Sul do mundo pode responder a muitas questões que nos afligem localmente.

Também, é necessário um pensamento descolonizador em relação aos olhares sobre os “nativos” das Américas e outros povos fora do eixo Europa-EUA. Neste

mesmo pensar, mas a partir de reflexões sobre decolonização na área da educação ambiental, Wallace Rodrigues, explica-nos um pouco sobre como funciona esse processo de decolonização:

Uma Educação Ambiental humanista e decolonial deve valorizar algumas das mais nobres qualidades humanas: a solidariedade para com o próximo, a empatia e a cooperação. Tal Educação Ambiental deve trabalhar utilizando **os mecanismos desconstrutivistas disponíveis, decolonizando pensamentos e afetos e valorizando os saberes e fazeres dos “outros”**. (RODRIGUES, 2021b, p. 270, grifo nosso)

Assim, decolonizar requer aprendizagens, desaprendizagens, reaprendizagens, reflexões e pedagogias que suportem tais exercícios e que terminem em efetivas ações sociais em benefício dos grupos humanos, principalmente os mais socioculturalmente vulneráveis. Como proposta, podemos começar a tarefa da decolonização a partir dos currículos escolares, pois estes são verdadeiros campos de batalhas ideológicas (cf. RODRIGUES, 2016).

Continuando nosso caminhar pelas Epistemologias do Sul, compreendemos que há, a partir de nossa vida latino-americana, uma premente necessidade da valorização dos intelectuais do Sul do mundo. Neste caminho, pensadores dos ditos Estudos Culturais, Pedagogia da Libertação, Estudos Decoloniais, Pedagogias Alternativas etc, podem ser essenciais em nossos estudos sobre temas que tocam nossas realidades “colonizadas” e onde intelectuais das Epistemologias do Sul têm campo fértil de pensamento e criação.

As Epistemologias do Sul buscam trabalhar a partir de nossas realidades colonizadas e tentam fazer um exercício de decolonização dos pensamentos. Elas detêm um enorme poder questionar a partir dos pontos de vistas científicos dos intelectuais sulistas (dos países do lado de baixo do Equador, mesmo que trabalhando nos EUA e Europa).

A visão decolonizadora refere-se diretamente às realidades que devem ser desaprendidas, como no caso, por exemplo, do racismo. Spivak mostra-nos que o racismo é algo pode ser desaprendido: *“Se nós aprendemos racismo, nós podemos desaprendê-lo, e desaprendê-lo precisamente porque nossas ideias sobre raça representam um fechamento de possibilidade criativa, a perda da opção do outro, outro conhecimento”* (SPIVAK, 1996, p. 4, tradução nossa). Entendendo, portanto, racismo

como um aprendizado, podemos buscar mecanismos para tentar trabalhar com (des)aprendizagens e reaprendizagens, valorizando nossa gente e nossas múltiplas formas identitárias e culturais.

Lembramos que o racismo tem suas bases na perpetuação das disparidades raciais e pode causar mais dificuldades para que os “outros” (pessoas negras, indígenas, asiáticas etc) atinjam seu pleno potencial humano e sua capacidade criativa. Os brancos sempre tenderam a mobilizar privilégios raciais em seu favor, principalmente em países mais desiguais, como no caso do Brasil, sempre buscando na “branquitude” um modelo de “superioridade racial” e de acordo com as concepções socioeconômicas baseadas em padrões eurocêtricos.

Num viés econômico, temos, como exemplo de pensador importante dentro do âmbito das Epistemologias do Sul, o indiano Amartya Sen. Ele busca pensar sobre os papéis sociais do Estado e sobre as liberdades substantivas dos sujeitos. Sen nos diz que: “O que as pessoas conseguem positivamente realizar é influenciado por oportunidades econômicas, liberdades políticas, poderes sociais e por condições habilitadoras como saúde, educação básica e incentivo” (SEN, 2000, p. 19). Neste sentido, Sen responsabiliza o Estado às liberdades que as pessoas têm de ter acesso, a bens econômicos e sociais básicos para o bem-estar dos cidadãos. Pensando nesta linha, percebemos que o Estado perde seu sentido de existência quando não oferece liberdades substantivas às suas populações.

Outro grande pensador no campo das Epistemologias do Sul foi Stuart Hall (Kingston, 1943 - Londres, 2014), jamaicano, mudou-se para o Reino Unido em 1951. Hall pensou aspectos das identidades e das mediações culturais a partir da diáspora negra afro-caribenha do pós segunda guerra mundial para o Reino Unido. Ele foi um dos fundadores dos Estudos Culturais, junto a Richard Hoggart e Raymond Williams.

Hall ampliou seus estudos para os campos da raça e do gênero, revelando-se como um pensador potente e com visões amplas de mundos diferentes (colonizados e hegemônicos). Ele liga as questões de força e poder às mais variadas formas de representação e de identidades, questionando posições hegemônicas de pensamentos. Sobre identidades locais e as lutas por espaços de representação, Hall nos diz:

No decorrer da busca pelas raízes, descobre-se não só de onde veio, começa-se a falar a linguagem daquilo que é lar no sentido genuíno, aquele outro momento crucial que é a recuperação de histórias perdidas. As histórias que nunca foram contadas sobre nós mesmos e que não pudemos aprender nas escolas, que não estavam em nenhum livro e que tivemos que recuperar. Este é um ato enorme do que eu quero chamar de reidentificação política imaginária, reterritorialização e reidentificação, sem a qual uma contra-política não poderia ter sido construída. Não conheço um exemplo de nenhum grupo ou categoria das pessoas das margens, dos locais, que tenham conseguido se mobilizar social, cultural, econômica e politicamente nos últimos vinte ou vinte e cinco anos que não tenha ido através de algumas dessas séries de momentos para resistir à sua exclusão, à sua marginalização. É assim que e onde as margens começam a falar. As margens começam a disputar e os locais começam a chegar à representação<sup>2</sup>. (HALL, 1997, p. 52-53, tradução nossa)

A passagem de Hall toca em temas importantes para os Estudos Culturais e, por conseguinte, para as Epistemologias do Sul, como a questão de território como lugar de ressignificação de identidades e onde estas podem ser representadas potentemente; fala sobre uma contra política à aquelas hegemônicas (eurocêtricas) em relação aos locais (os “outros” da história); sobre a necessidade dos resgates históricos, entre tantos outros pontos importantes para os intelectuais do Sul.

Ainda, vale ressaltar a importância que a categoria raça toma nos estudos dos pesquisadores das Epistemologias do Sul, pois é um elemento fundamental de análise das sociedades que foram colonizadas e como os estereótipos eurocêtricos agiram nas áreas colonizadas ao redor do mundo. A questão da raça se torna, portanto, elemento fundante de uma política de dominação dos “outros” povos não-brancos. Assim, pensar sobre raça requer pensar sobre eurocentrismo, manipulação, força, poder, pobreza e muitas outras categorias constantes nas discussões dos pesquisadores do Sul.

Verificamos que nos países colonizados existiam (e ainda existem) relações

---

2 Tradução de: “In the course of the search for roots, one discovered not only where one came from, one began to speak the language of that which is home in the genuine sense, that other crucial moment which is the recovery of lost histories. The histories that have never been told about ourselves that we could not learn in schools, that were not in any books, and that we had to recover. This is an enormous act of what I want to call imaginary political re-identification, re-territorialization and re-identification, without which a counter-politics could not have been constructed. I do not know an example of any group or category of the people of the margins, of the locals, who have been able to mobilize themselves, socially, culturally, economically, politically in the last twenty or twenty-five years who have not gone through some such series of moments in order to resist their exclusion, their marginalization, That is how and where the margins begin to speak. The margins begin to contest, the locals begin to come to representation.”

assimétricas de poder baseadas em categorias como raça, branquitude, poder social, entre outras, mas sempre pautando preconceitos e discriminações na mesma trilogia de dominação colonial: “classe, raça, gênero”.

Retomando um ponto importante da discussão de Hall, outro importante pesquisador do Sul para este artigo e que também trabalha com a questão do território é Milton Santos. Ele expandiu os pensamentos sobre territórios, espaços geográficos, visão política dos geógrafos etc, dando um caráter mais amplo e cultural a estes temas dentro do campo dos Estudos Geográficos, assim como também o fez Hall nas Ciências Sociais e Humanas. Santos revela que:

[...] a questão da **epistemologia da existência**, forma, talvez, de enfrentar a questão sob um outro prisma. Seja qual for o momento da história, **o mundo se define como um conjunto de possibilidades. Isto é que é o mundo.** O mundo do tempo de Colombo ou de Cabral era formado por um conjunto de possibilidades diferentes do mundo de Voltaire ou de nosso mundo. **Isto é o mundo: um conjunto de possibilidades.** Estas possibilidades que estão por aí boiando sobre nossas cabeças; que formam um universo e que são, um dia ou outro, colhidas por atares que as realizam, transformando-as em fatos sociais, econômicos e, certamente, num dia ou noutro, em fatos geográficos. **A totalidade do mundo é formada dessas variáveis que jamais estão em todas as partes e, em nenhum momento, dão-se de maneira total.** E é isto que faz a diferença entre os homens, que também são a sede destas possibilidades realizadas, e é isto que faz a diferença entre os lugares, que são a sede destas diferentes possibilidades realizadas. **Cada homem realiza um feixe de possibilidades, dadas num momento.** Cada lugar realiza um feixe de possibilidades, presentes num dado momento. (SANTOS, s.d, s.p, grifo nosso)

Vemos que, para Milton Santos, a “epistemologia da existência” (no mesmo caminho das liberdades de Sen, da busca por espaço discursivo de Spivak, das possibilidades dadas pela educação dialógico-crítica em Freire etc) baseia-se nas realidades cotidianas e compreende o homem como um ser partícipe de seu tempo, como cocriador de sua história. E o espaço em que este homem se encontra “realiza um feixe de possibilidades” para este ser que sempre busca melhorias de vida.

Também, o território pode ser entendido como um lugar que modifica nossas identidades, sendo o território o lócus essencial de específicas condições sócio culturais que nos moldam e onde agimos. A “imensa variedade de formas de vida” (cf. MARÍN, 2002) ao redor do mundo traz-nos uma grande variedade de riquezas teóricas que não

podem ser substituídas, mas que devem ser aproveitadas para melhorar nossas vidas, evitando “fechamentos” (cf. SPIVAK, 1996) em relação aos “outros” e seus múltiplos saberes.

Podemos perceber que os espistemólogos do Sul buscam relatos alternativos aos discursos hegemônicos de poder, criando uma “contra-política” (cf. HALL, 1997) intelectual, tentando sempre compreender e ressignificar as relações de poder existentes em determinadas situações, lugares e momentos nos países em desenvolvimento. Isso nos faz pensar sobre o hoje, onde a dinâmica do mecanismo de exclusão capitalista utiliza-se, ainda, de categorias como raça, gênero, origem, entre outros, para subjugar pessoas (geralmente pobres e com baixa instrução escolar) e subalternizá-las. Tais subjugações estão ligadas diretamente a uma busca de controle da economia, da autoridade, dos recursos naturais, da sexualidade, das subjetividades etc. E aí entram as Epistemologias do Sul, tentando pensar a partir desses lugares de exclusão, criando espaços de saber para uma compreensão crítica das realidades.

Os grupos subjugados economicamente, racialmente, socialmente, politicamente etc acabam por se tornarem mais fragilizados e vulneráveis em nossa sociedade pós-industrial da atualidade. E por isso é importante compreender que é a partir da realidade criamos subjetividades e temos que romper assimetrias sociais desumanas e opressoras. Daí os epistemólogos do Sul partirem das realidades de seus lugares para compreender os mecanismos de dominação e possíveis soluções para os problemas enfrentados pelas pessoas.

Ainda, não podemos nos esquecer que o caráter simbólico das coisas, que é sempre uma construção coletiva, tem como objetivo diferenciar e separar, marcando claras distinções entre nós. E as Epistemologias do Sul vêm trazer às claras o que parece estar às escondidas, mas que, na verdade, são saberes suprimidos dos “oprimidos”, que, por muito tempo, foram levados ao esquecimento forçado.

## **2. Considerações finais**

Este texto buscou compreender, de forma bastante sucinta, como funcionam as Epistemologias do Sul. Utilizamos alguns autores pontuais para demonstrar que eles pensam a partir de seus lugares de origem, de seus países em desenvolvimento, de “epistemologias da existência”, e transformam o saber científico em ferramentas de

entendimento do mundo, oferecendo novas formas de conhecer e de trabalhar com situações reais das vidas dos “oprimidos”.

Neste caminho, acreditamos que devemos primar por pedagogias que valorizem os fazeres e os saberes locais e regionais e os detentores destes saberes, também os pensadores que estudam e criam conceitos a partir destas perspectivas orientadas a partir de problemas do Sul do mundo. Obviamente que estes pensadores tiveram uma formação baseada nos pensadores do eixo Europa-EUA, mas utilizaram seus conhecimentos intelectuais para colocá-los em prática nos seus países em desenvolvimento, onde problemas específicos (como pobreza, fome, desigualdades sociais gritantes etc) diferem dos problemas do eixo dos países industrialmente mais avançados.

Ainda, podemos pensar em um processo de decolonização por meio do uso das epistemologias dos pensadores do Sul, abarcando uma gama de conceitos estudados por esses vários pensadores e que intensificam nossa luta por reconhecimento de tais pessoas pesquisadoras e por soluções específicas para nossos problemas particulares.

Também, vemos as escolas como um locus privilegiado de conhecimento dos pesquisadores das Epistemologias do Sul e de seus conceitos que buscam soluções para nossos problemas locais. Daí a relevância crítica da pedagogia/filosofia dialógica ensinada por Paulo Freire para nossa realidade de “oprimidos”.

Por fim, não podemos nos esquecer que as epistemes dos países hegemônicos trabalham fortemente dentro de uma perspectiva que leva em conta as relações de força e poder, e que se utilizam, também, do saber científico para dominar. Não devemos, portanto, naturalizar os discursos etnocêntricos, mas interrogar sempre as suas instituições geradoras, interrogar os seus discursos e suas práticas a partir das tecnologias de poder empregadas por eles. Isso também pode nos ser bastante construtivo para reforçar as Epistemologias do Sul, valorizando nossos pensadores e seus trabalhos científicos focados para os nossos problemas locais.

### 3. Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 54ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HALL, Stuart. Old and new identities, old and new ethnicities. IN: **Culture, globalization and the world-system**. University of Minnesota Press, p. 41 a 68, 1997.

MARÍN, José. Globalización, educación y diversidad cultural. **Revista Perspectiva**. UFSC, Florianópolis, ISSN 0102-5473, v.20, n.02, p. 377-403, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10389> Acesso em: 02 nov. 2022.

RODRIGUES, Wallace. Educação situacional: aprender a partir de situações reais. **Revista Magistro**. Unigranrio, v.2, n.18, p. 25-37, 2018. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/4340/2894> Acesso em: 02 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre os ensinamentos antiautoritários de Paulo Freire. **Revista Anthesis**. UFAC, v. 9, n. 18, p. 96-106, 2021a. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/5149> Acesso em: 14 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Educação ambiental e humanização: decolonizar é preciso. **Revista Ambiente & Educação**. FURB, v. 26, n. 1, p. 251-271, 2021b. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/ambeduc.v26i1.12989> Acesso em: 14 out. 2022.

RODRIGUES, Wallace. Reflexões sobre o III Fórum de Licenciaturas da UFT: o currículo como campo de batalhas ideológicas. **Revista EntreLetras**. UFT/Araguaína, v. 7, n. 2, p. 221-131, 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/2996> Acesso em: 14 out. 2022.

SANTOS, Milton. ‘Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência’, texto fabuloso do professor Milton Santos. **Revista Prosa Verso e Arte**. S.d, s.p. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/por-uma-geografia-cidada-por-uma-epistemologia-da-existencia-texto-fabuloso-do-professor-milton-santos> Acesso em: 08 nov. 2022.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SPIVAK, Gayatri. **The Spivak reader**. LANDRY, Donna; MACLEAN, Gerald (org.). New York: Routledge, 1996.